

Adaptação ao tempo "verde"

Cristiane de Cássia

Fazer produtos menos agressivos ao meio ambiente, usar embalagens recicladas, diminuir resíduos. Essas são preocupações que a Ingleza, empresa mineira de produtos de limpeza que completa 50 anos em abril, já tinha, mas não achava importante divulgar. Isso até perceber que concorrentes propagavam seu lado ecologicamente correto. A partir daí, ampliaram ações para reduzir impactos ambientais e mostrar isso aos consumidores; mobilizaram a cadeia produtiva, e há três meses, lançaram uma linha de produtos "verdes", com 90% de fontes renováveis e que não agredem a natureza.



Avesso a câmeras e entrevistas, o presidente da Ingleza, Mozart Novaes, de 80 anos, abriu exceção para contar à equipe do Razão Social como tudo começou. Sem perceber, ele revela que já havia preocupação ambiental.

Deixei um balcão de loja para produzir cera. Para fazer embalagens pegava latas de leite no lixo. Depois passei a comprar latas de leite vazias nos postos de saúde — disse.

Como está passando o bastão aos filhos, Mozart soube dos produtos "verdes" às vésperas do lançamento. Apesar de gostar da idéia, receia:

Esse negócio de cuidar do meio ambiente vai dar uma mão de obra!

Mas o filho Marco Antônio Novaes, vice-presidente, acha que a adaptação da empresa não é difícil.



Na linha normal já não usávamos fosfato (elemento que faz espuma e, lançado em rios e lagos, contribui para proliferação de algas e redução de oxigênio). Dá trabalho pesquisar fórmulas de produtos eficazes que não custem muito mais (a linha "verde" custa 5% a mais do que a comum) e envolver fornecedores, mas é necessário. As leis ambientais vão endurecer, estamos nos antecipando disse Marco.

Em média, quase a metade da composição das embalagens usadas na Ingleza é de plástico retirado de lixões: mais de mil toneladas por ano.

Compramos plástico de ferros-velhos, transformamos em grãos e vendemos à Ingleza e empresas de móveis e construção civil — disse Washington Montesino, sócio-gerente da fornecedora Coplast.

Consumo de água e energia é outra preocupação ambiental e econômica. A produção de cera, por exemplo, passou para o turno da noite para facilitar o resfriamento com menos energia. Toda a água usada é tratada para lavagem de piso e irrigação.

A empresa também mediu suas emissões de carbono e deve plantar 4.500 árvores como compensação. Não parece complicado para quem tem uma reserva florestal de 162 mil metros quadrados, 70% do próprio terreno em Santa Luzia, na Grande Belo Horizonte. As áreas de plantio na cidade estão sendo negociadas com a prefeitura num projeto de recuperação do rio local.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Selo ecológico em construção

Para certificar a linha de produtos “Amo o Verde”, a Ingleza contou com o Instituto Falcão Bauer de Qualidade. O órgão elaborou um selo ecológico para desempenho de produtos com base em selos ambientais internacionais.

— Quando começamos a pesquisar, falava-se bastante de certificações para construções sustentáveis, mas pouco sobre desempenho ambiental de materiais. Já na Alemanha, por exemplo, há mais de 30 anos existe o selo Anjo Azul, pelo qual 85% dos alemães aceitam pagar mais — disse Marisa Plaza, coordenadora do Pólo de Construção Civil do Falcão Bauer.

No caso dos produtos de limpeza, o instituto validou os métodos usados pela Ingleza para testar materiais, avaliou o nível tóxico dos produtos e os impactos negativos da extração de matéria-prima. Foi avaliado também segurança e treinamento dos trabalhadores e analisado o ciclo de vida dos produtos, o que inclui uso de água, energia e tratamento de resíduos e efluentes da pré-produção à distribuição nos pontos de venda.

Além da linha de limpeza “verde” da Ingleza, já foram certificados produtos de outras quatro empresas, incluindo cordas e formas de alvenaria feitas de plástico reciclado.